

ARQUITETURA EM TRANSE: a obra afro-brasileira

Por Maurício Santos⁵²

Esse trabalho pretende apresentar algumas questões levantadas a partir do trabalho de campo realizado com a comunidade tradicional de matriz africana ou afro brasileira, Ilê Asé Oju Ogún Fúnmilaiyó, em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os espaços construídos das comunidades tradicionais de matriz africana, são marcados por constantes modificações, essas que me refiro aqui são principalmente reformas e construções, que acontecem para marcar as datas das cerimonias em homenagens aos orixás ou entidades; ou seja o espaço construído transforma-se conforme os anos – anualmente, de acordo com o cronograma de festas dos orixás. Essa noção de construção está ligada a concepção de belo das religiões de matriz africana, o aspecto de novo e higienizado são valores estéticos valorizados por essas comunidades.

Não apenas para melhor atender aos convidados – humanos e orixás, mas as reformas e construções também demonstram as posses da comunidade – principalmente da mãe de santo; essas obras tem o papel de demonstrar que a comunidade está bem, isso é – “que tem muitos filhos, que trabalham nas atividades do terreiro” e principalmente que a comunidade está em movimento ou que é dinâmica, ativa, contou-me Mãe Marina de Ogun, Iyalorisá do Ilê Asé Oju Ogún Fúnmilaiyó (20/06/2017).

As construções são realizadas pela própria comunidade, principalmente pelos homens religiosos, em mutirões – de trabalho coletivo, as atividades como: mudar uma porta ou janela de lugar, construir um banheiro, mais um quarto de santo ou uma churrasqueira maior, pintar as paredes do terreiro, a fachada, as arvores e o piso, são realizadas de forma muito rápida, a comunidade passa muitas horas trabalhando, as vezes desde manhã até a noite ou até terminar as obras.

O material para a construção disso tudo as vezes é doado, comprado, mas um fato interessante da aquisição desses materiais é que as vezes a comunidade o guarda, “sem saber ao certo para que vai ser usado, porem sabe que vai ser usado em alguma construção ou reforma no terreiro, porque sempre tem alguma coisa para ser feita” contou-me Mãe Marina, Iyalorisá do Ilê Asé Oju Ogún Fúnmilaiyó (20/06/2017).

A concepção do espaço construído dos terreiros tem a ver com a relação que as comunidades tradicionais de matriz africana têm com o tempo; os religiosos costumam dizer: “o tempo dos orixás é outro”, “o tempo dos orixás é medido pela aprendizagem”. A dinâmica de saber os próximos passos da construção ou da reforma tem a ver com o fato de que muitas vezes – na maioria delas, é a mãe de santo ou o orixá que diz quais serão as modificações que devem ser realizadas para tal festa. Assim a comunidade não consegue planejar antecipadamente, porque essas comunicações são realizadas muito próximas das datas das festas, ou seja, é

⁵² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino Americanos em na UNILA e também mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

muito comum que os mutirões de trabalho, comecem pouco tempo antes das festas, na maioria das vezes no mesmo mês.

A obra está sempre sendo construída, em processo, pelas comunidades de matriz africana, pode estar relacionado com a noção de corpo e de orixá, sendo que se concebe que o filho-corpo e orixá são construídos e unificados ao decorrer de um longo processo, ou seja quando uma pessoa é iniciada ela não fica pronta a partir da iniciação, mas a feitura da iaô que é como é chamada, apenas inicia a relação do filho-corpo com seu orixá. O filho-corpo-orixá vão sendo construídos e unificados ao decorrer de um processo que dura aproximadamente cerca de 21 anos. A partir dessas referências podemos pensar os terreiros de candomblés como espaços em transe, como corpos que estão sendo construídos, assim como os corpos dos filhos e dos orixás.

Referências

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. Lugar de negro. São Paulo: Editora Marco Zero, 1982.

MOASSAB, Andreia. Brasil periferia (s): a comunicação insurgente do hip-hop. São Paulo: EDUC-Editora da PUC-SP, 2012.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Vol. 1. Salvador: Vozes, 1988.

VELAME, Fábio Macedo. Corpos nômades: o cortejo da festa da bandeira em Ponta de Areia. Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. Salvador: EDUFBA, 2015.